

# Apresentação

Partindo de um texto apresentado para prestação de provas públicas de habilitação, em Setembro de 2007, este livro traça o percurso de aproximação individual de uma socióloga da família a um novo objecto de sociologia, a infância... Escrito linearmente e em tom afirmativo, posto na mão do leitor como produto acabado, esconde afinal um processo dinâmico de procuras e encontros, pequenos passos em várias direcções, deambulações interiores e exteriores que moldam um percurso pessoal.

Em meados da década de 1990, o convite inesperado que recebi do então director do Centro de Estudos Judiciários, Armando Leandro, para coordenar um estudo sobre os maus tratos às crianças no País constituiu um marco decisivo no meu ofício de investigadora. Aceitei sem hesitar (e sem pensar...) – não vislumbrando sequer a viragem que esta decisão iria ter na minha actividade de investigação. Em primeiro lugar, eis um estudo sobre a «face lunar» e mais sombria do universo privado e da vida em família, onde as crianças constituíam tema de primeiro plano. Uma novidade para quem, até então, percorrera sobretudo os meandros adultos da vida familiar e cobrira facetas pacificamente expostas ao olhar de fora – a divisão do trabalho doméstico, o trabalho profissional feminino e masculino, a rela-

ção entre a fábrica e a família, a homogamia, a fecundidade (medida através de indicadores demográficos). Depois, a questão da exequibilidade da sua realização, num país onde não há registo institucional sistemático e credível de ocorrências de abuso e negligência contra crianças, encorajou uma reflexão de fundo, na equipa multidisciplinar entretanto constituída, sobre o modo metodológico de contornar este obstáculo. Veio a traduzir-se numa redefinição de objectivos, focados agora para a construção de uma tipologia de maus tratos contra as crianças na família, relacionando-a com contextos sociofamiliares de pertença, a partir de recolha de informação junto de profissionais de infância. Os resultados foram, de resto, muito interessantes e de algum modo inovadores, pensando no saber médico que tem uma tradicional autoridade tutelar sobre o assunto. Sendo transversais a todos os grupos sociais, os tipos de mau trato são de uma grande diversidade e essa diversidade não se organiza socialmente ao acaso, tendo a ver com variáveis externas, tais como a composição e forma do grupo doméstico de pertença da criança, a posição que ele ocupa numa estrutura social desigualitária.

O próprio estudo teórico da bibliografia disponível sobre a construção do mau trato como «problema» (social e sociológico) reconduziu-me à leitura crítica, mas sempre estimulante, de Michel Foucault, a lembrar que o mau trato nunca é um conceito meramente técnico ou neutro, mas uma etiqueta social que se cola a um comportamento que destoa do discurso normalizador. E introduziu-me em muita da nova produção anglo-saxónica sobre *child abuse and neglect*. Por outro lado, o trabalho de terreno confrontou-me com recantos da realidade onde a dor e o sofrimento atingiam níveis insuportáveis, mas eram simultaneamente silenciados pelo poder dos grandes, pela autoridade da norma da privacidade que, supostamente, faz de cada criança propriedade dos pais. A investigação contribuiu, por isso também, para desocultar a dimensão obscura da realidade de uma família biológica que destoa da representação que a faz concha de afectos e de solidariedade, espaço seguro de criação de vida.

Inesperadamente, esta investigação tornou-me, aos olhos benevolentes de outros, numa precursora dos estudos sobre a infância em Portugal... Efectivamente, foi assim que o objecto entrou na minha actividade profissional. O contacto que, na Universidade do Minho, os investigadores do Instituto de Estudos da Criança entretanto estabeleceram comigo, e em particular Manuel Pinto e Manuel Sarmento, foi decisivo para o meu novo interesse pela infância. Remotamente, as crianças tinham entrado nos meus primeiros trabalhos sobre a família que migrara da terra para a cidade, até na família operária. Mas indirectamente: falando de mulheres protagonistas de migração do campo para a cidade, de redes de trabalho familiar na comunidade operária, as crianças surgiam como consequência do foco nos adultos. Não eram, em todo o caso, protagonistas activas de construção da vida familiar, nem tão-pouco houvera qualquer preocupação em lhes dar voz.

Na verdade, desconhecia quase por completo essa nova área de pesquisa sobre a infância que se desenvolvia com pujança na Europa. Mas tornou-se, pessoalmente, uma área de estudo teórico de tempos livres, de reflexão e leitura nos intervalos deixados em aberto por outros projectos que entretanto desenvolvia – sobretudo na área da fecundidade (onde de alguma maneira tudo, em matéria de criança, começa...). Para além da atracção pela frescura e novidade do debate internacional em torno da infância, a minha participação num grupo de trabalho recém-criado na Association Internationale des Sociologues de Langue Française (AISLF) foi um poderoso estímulo para abrir, em excelente companhia intelectual, novos caminhos de interpelação da realidade. O sentimento de descoberta teórica colectiva que ali se vivia, o debate aceso entre as vias possíveis de questionar e interrogar a infância, parecia-me aliás contrastar com o sentimento de acomodação e saturação que vinha a notar em certa sociologia da família europeia, muito fechada sobre si própria e nos objectos ou modelos do costume... Talvez esta outra porta de entrada, a infância, me trouxesse inspiração para encontrar modos diferentes

de renovar problemas e temas familiares. A sensação era, pois, a de ter voltado à escola e recomeçado a estudar... procura compulsiva (por vezes indiscriminada) de monografias e artigos, participação activa em seminários informais, entretanto realizados em diferentes países dos investigadores do grupo de trabalho.

Para sistematizar tudo aquilo que aprendera até então, decidi por isso focar o programa de investigação para as provas de habilitação em torno do tema «A infância e a sociologia: jogos de olhares, pistas para a investigação». Este livro retoma, na sua quase totalidade, o conteúdo desse texto académico.

Do ponto de vista da sua organização interna, começo por fazer um roteiro teórico dos contributos que considere mais inspiradores e estimulantes para a minha formação científica nesta área. Não há, claramente, uma preocupação de exaustividade enciclopédica; pelo contrário, o percurso por teorias e conceitos, pelo «estado da arte», é feito com base num esforço de selecção criteriosa de autores e de obras que abordaram, a meu ver de forma original e rigorosa, problemas e temas que vieram encaixar-se na minha própria curiosidade e trabalho de investigadora.

Assim, e num primeiro momento, apresentam-se e discutem-se os desafios implícitos no novo paradigma sociológico da infância, as correntes de investigação que dele partem em direcções diversas, as suas potencialidades e limitações. O segundo capítulo propõe um programa de investigação inspirado na diversidade deste património teórico, que designei «infâncias, sujeitos e contextos». Propõe-se o seu desdobramento em quatro grandes linhas de pesquisa que constituem, a meu ver, temas relevantes para a consolidação ou aprofundamento da sociologia da infância no País, aliás com a possibilidade de estabelecer pontes comparativas com aquela que se faz na Europa: «Retratos: as condições da infância»; «Os trabalhos das crianças»; «Crianças, representações e valores: a família»; «Os espaços das crianças». No final, inclui-se a bibliografia citada, a qual sinaliza também o rasto dos principais marcos da aprendizagem que fiz do objecto e da sociologia que sobre ele se debruçou.